



BASTIDORES: TECENDO INDAGAÇÕES E REFLEXÕES TRANSNACIONAIS CONTRA O RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

Rogério Alves do Rosário¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo indagar o potencial da série *Bastidores* de Rosana Paulino como arte contra-hegemônica, como um saber da comunidade negra e como referencial nas ações educativas contra o racismo, discriminação ou preconceito. Propõe-se o argumento de que é razoável pensar a obra artística como discurso contra hegemônico e como um saber balizador de ações antirracistas educacionais pautadas na lei 10.639/03.

Palavras-chave: Rosana Paulino; *Bastidores*; Contra-hegemônico; Saber.

BEHIND THE SCENES: RAISING TRANSNATIONAL QUESTIONS AND REFLECTIONS AGAINST RACISMO, PREJUDICE AND DISCRIMINATION

Abstract: In this work our goal is to ask if the Rosana Paulino's work called *Bastidores* could be seen as a counter hegemonic art, as a black community knowledge and also as an education work reference against racism, discrimination or even prejudice. It's reasonable to thinking that Rosana Paulino's work can be seen as a counter hegemonic narrative anti-racism and also as a knowledge that could be used in educational school systems according to the law 10.639/03.

Keywords: Rosana Paulino; *Bastidores*; Counter Hegemonic; Anti-racism.

DETRÁS DE ESCENAS: PLANTEANDO CUESTIONES Y REFLEXIONES TRANSNACIONALES CONTRA EL RACISMO, LOS PREJUICIOS Y LA DISCRIMINACIÓN

Resumen: El objetivo de este trabajo es investigar el potencial de la serie *Bastidores* de Rosana Paulino como arte contrahegemónico, como conocimiento de la comunidad negra y como referencia en acciones educativas contra el racismo, la discriminación o el prejuicio. Proponemos el argumento de que es razonable pensar en la obra artística como discurso contrahegemónico y como faro de conocimiento para acciones educativas y

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-USP, Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC) da Escola de Comunicação e Artes-ECA-USP e Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Ciências Sociais-desigualdade e diferenças na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo-USP. E-mail: rogerio.rosario@usp.br ; ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8223-740X>



antirracistas basadas en la Ley 10.639/03.

Palabras-clave: Rosana Paulino; *Bastidores*; Contra-hegemónico; Antirracista.

BASTIDORES: TISSAGE DE QUESTIONS ET DE RÉFLEXIONS TRANSNATIONALES CONTRE LE RACISME, LES PRÉJUGÉS ET LA DISCRIMINATION

Résumé: L'objectif de cet article est d'étudier le potentiel de la série *Bastidores* de Rosana Paulino en tant qu'art contre-hégémonique, en tant que connaissance de la communauté noire et en tant que référence dans les actions éducatives et antiracisme contre le racisme, la discrimination ou les préjugés. Nous avançons l'argument selon lequel il est raisonnable de considérer l'œuvre artistique comme un discours contre-hégémonique et comme un phare de connaissance pour les actions éducatives basées sur la loi 10.639/03.

Mots-clés: Rosana Paulino ; Dans les coulisses ; contre-hégémonique ; antiracisme.

INTRODUÇÃO

“Pensar em minha condição no mundo por intermédio de meu trabalho. Pensar sobre as questões de ser mulher, sobre as questões da minha origem, gravadas na cor da minha pele, na forma dos meus cabelos. Gritar, mesmo que por outras bocas estampadas no tecido ou outros nomes na parede. Este tem sido meu fazer, meu desafio, minha busca.” Rosana Paulino, 1997.

O presente trabalho se insere na discussão sobre temática da educação étnico-racial já consagrada pela literatura, como por exemplo o texto *Educação Étnico-Racial: o estado da arte*, acenando para o potencial da obra artística de Rosana Paulino entendida, neste trabalho, como narrativa estética contra hegemônica com vistas à promoção da igualdade racial na medida em que é uma expressão artística da cultura afro-brasileira contemporânea. Assim, indagamos: se a referida obra artística de Rosana Paulino pode ser utilizada como um dos inúmeros referenciais de saberes produzidos pela comunidade negra no âmbito das relações étnico-raciais e em decorrência ser um subsídio e/ou ponto de partida para se trabalhar a temática racial na escola no âmbito da lei 10.639/03 pelos professores de educação básica?

Com este pano de fundo, o objetivo deste trabalho é discutir uma das obras da artista plástica Rosana Paulino como um desdobramento de conhecimentos e saberes elaborados pela comunidade negra, ou seja, pensar as artes visuais como narrativas e discursos que objetivam subjetividades que dialogam com o tecido social a partir da obra *Bastidores*².

² Rosana Paulino usa retratos(xerox) de mulheres e as transfere sobre tecido bordando em *Bastidores* de
Revista da ABPN | Abril 2024 | V.18 n. 46 | 2024



Lançamos mão neste trabalho da metodologia de pesquisa bibliográfica e documental. Constitui o corpus documental de análise deste trabalho a série *Bastidores*. Entendemos que esta obra que traz imagens de mulheres negras com bocas costuradas pode ser entendida como um documento, pois existe uma multiplicidade de fontes documentais, sendo a fotografia uma delas (CELLARD, 2008).

Sem a pretensão de esgotar o tema, propõe-se os argumentos de que a referida obra engajada de cunho antirracista da artista plástica pode ser lida como uma expressão cultural de artistas negros(as) contemporâneos que objetivam problematizar a história, cultura, memória e identidades dos sujeitos escravizados e descendentes. Tem um caráter protagonista de denunciar as clivagens e conflitos sociais interseccionais que persistem no tempo e espaço, e é uma narrativa artística contra hegemônica que deste modo nos ligam, ao passado, para pensar a identidade em termos de rede e a gênese da sociedade brasileira como um acúmulo de desigualdades à mulher negra, e assim questionar este acúmulo de desigualdades no território escolar por meio do tensionamento do currículo monocultural eurocêntrico.

Assim, acreditamos que tematizar a referida obra artística como um referencial artístico que pode tensionar o currículo escolar trazendo outras verdades bem como questionar as relações de poder socialmente produzidas por um currículo monocultural que ainda se faz presente no ensino brasileiro da educação básica (GOMES, 2008).

Em linhas gerais há o seguinte escopo de trabalho: primeiro tentaremos mostrar que a obra da referida artista plástica expressa e questiona em alguma medida a história, cultura, memória e identidades dos sujeitos escravizados e descendentes, em seguida sinalizar que a obra pode ser entendida como uma narrativa artístico estética contra hegemônico, e por fim destacar que a obra pode ser compreendida como um dos saberes da comunidade negra que tensiona os currículos escolares (GOMES, 2017).

BASTIDORES COMO EXPRESSÃO DA HISTÓRIA, CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADES

A obra *Bastidores* de Rosana Paulino ao nosso juízo revela a “luta diária durante e após a escravidão no Brasil” (NASCIMENTO, 2021, p. 253) e expressa a história, cultura,

madeira(arco de madeira), tecendo bocas, olhos e garganta com fios aparentes.



memória e identidades acerca da população afro-brasileira, pois sintetiza a persistência no tempo de um sistema social opressivo do modo de produção escravista que na passagem ao regime de trabalho livre, no capitalismo dependente brasileiro, tão somente se reatualizou. Carlos Hasenbalg (1979) sinaliza que as desigualdades sociais, em especial as raciais devem ser interpretadas a partir do racismo e discriminação como variáveis explicativas de tais desigualdades.

Acreditamos que o conjunto da obra da referida artista plástica também expressa o encontro, nem sempre amistoso, entre diferentes povos que fez emergir uma cultura impar e diversificada qual seja a cultura afro-brasileira. Por falta de tempo e espaço não se poderá abordar o conjunto de toda a obra da referida artista plástica em tela, tão somente, destacaremos a série *Bastidores* a fim de destacar o quão importante ela é à educação das relações étnico-raciais.

A cultura afro-brasileira como resultado do comércio de pessoas ensejou importantes mudanças na sociedade contemporânea como por exemplo no campo da música (SILVA, 2017). Gonzalez (2020) vai além sinalizando que houve uma africanização da cultura brasileira como por exemplo a contribuição ao vocabulário português da influência dos povos de língua banto.

Ainda de acordo com Silva (2017) a música é um suporte por excelência de transmissão e manutenção da memória de uma identidade brasileira reelaborada do outro lado do Atlântico. Estamos, pois, diante de um intenso fluxo transnacional de trocas culturais, por exemplo os elementos musicais africanos, ora do lado de cá, ora do lado de lá de modo ininterrupto. O que queremos destacar é que este trânsito de culturas entendido como elemento civilizatório da humanidade é um importante ponto de partida à educação das relações étnico-raciais.

Para Gilroy (2001) a cultura negra foi desenvolvida dos dois lados do oceano Atlântico, pois a diáspora forjou uma memória coletiva nas duas margens do Atlântico. Assim destacamos que a cultura afro-brasileira, e em especial, a obra da referida artista plástica possui a capacidade de refletir essa cultura e memória desenvolvida nos dois lados do Atlântico, ainda que seja de opressão a qual uma parcela da população escravizada e no pós-abolição ainda está sujeita.

O mundo de *O Atlântico Negro* de Paul Gilroy revela metaforicamente um sistema de comunicações transnacionais na qual forjaram estruturas de comunicação e de trocas



culturais na modernidade e não estão fechadas às fronteiras étnicas e/ou nacionais. Nestes termos pensar a modernidade via história de *O Atlântico Negro* e da diáspora africana deste lado do Atlântico a partir de elementos culturais estético artísticos como a obra *Bastidores* nos permite ver que esta obra questiona a dimensão de unidade nacional na medida em que a referida obra expressa opressões seculares e transnacionais, e deste modo pode ser ponto de partida para se tratar da educação para as relações étnico-raciais.

Conforme podemos ver figura 1, na série *Bastidores* as bocas das mulheres estão cerradas com linhas de costura que ao fim e ao cabo expressam inúmeras opressões que extrapolam as fronteiras do Estado nação, dado que em ambos os lados do Atlântico há opressão fora a regra.

Figura 1. Série *Bastidores*.



FONTE: Imagem da série *Bastidores*. Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura. 30cm diâmetro. 1997. Rosana Paulino usa retratos(xerox) de mulheres e as transfere sobre tecido bordando em *Bastidores* de madeira(arco de madeira), tecendo bocas, olhos e garganta com fios aparente.

Enfim, o que destacamos é o caráter heurístico da referida obra artística na medida que expressa de modo artístico o terror racial o qual africanas(os) passaram nos dois lados do Atlântico, ou seja, ao nosso juízo ela representa um mecanismo e ponto de partida de e para a luta antirracista.

Nas próximas sessões, tentaremos mostrar as razões que fazem de *Bastidores* um contraponto à iconografia representativa do afro-brasileiro e como pode ser pensada como um saber elaborado pela comunidade negra.



DO HEGEMÔNICO AO CONTRA-HEGEMÔNICO: A ICONOGRAFIA DO AFRO-BRASILEIRO

O africano escravizado enquanto o agente produtor por meio da expropriação de seu trabalho na produção canavieira, mineradora ou cafeicultura durante o período colonial e depois da abolição o afro-brasileiro enquanto sujeitos que compartilham da ancestralidade africana concernente à dimensão cultural ressignificada politicamente a partir das década de 1970 pelo movimento negro bem como compartilham de características do fenótipo africano, sempre estiveram representados na iconografia ao longo desses 500 anos, a questão é saber como. Sempre foram representados na iconografia como inferiores. A iconografia além de informar é uma narrativa estética que modula os estereótipos dos sujeitos delimitando e seu lugar social, ou seja, a iconografia é um mapa que informa os atores sociais seus lugares sociais e é um mecanismo que constrói um consenso social, neste caso de inferioridade do negro.

Acreditamos que outras narrativas estético artísticas do século XXI podem ser um contraponto, em especial a obra de Rosana Paulino. Antes de pensar a obra artística de Rosana Paulino como cultura contra hegemônica, precisamos refletir nas categorias de cultura, hegemonia, ideologia e política entendida como relações de poder; é o que faremos.

Definir o quê é cultura é complexo, mas concordamos com Franz Boas acerca da existência de “culturas”. Para Boas (2004), a cultura é produto de uma história de um dado momento, e mais que isso, o termo cultura(história) substitui a ideia de evolução. Isto é importante, na medida em que, questiona o evolucionismo como método dedutivo, assim ao criticar o evolucionismo, Boas (2004) sinaliza que um mesmo fenômeno pode ter origens diferentes e deste modo antes de comparar sociedades é necessário provar se a comparação é passível de ser comparada, pois cada povo tem a sua história, assim os povos estão acorrentados aos grilhões da tradição.

Deste modo, ao nosso juízo entendemos por tradição os modos de sentir, agir e pensar sobre o mundo, em outras palavras crenças, valores e costumes, logo não há culturas superiores e inferiores, mas tradição. E segundo Laraia (2008), cultura é :

o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma



herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2008, p. 68).

Do exposto acima, entendemos que falar de cultura se trata ao fim e ao cabo de uma decisão e/ou questão política, isto é, o que Boas (2004) fez foi em suma criticar o uso político da categoria cultura pelos evolucionistas, pois o mais importante não é definir o termo cultura, mas entender quais processos e valorações estão por trás da definição de cultura como “Primitive Culture” de Edward Tylor, ou seja, embora seja “necessário compreender a época em que (Tylor) viveu e conseqüentemente o seu *background* intelectual” (LARAIA, 2008, p. 33), destacamos que esta forma de ver o “outro” e sua cultura ainda persiste, pois se os ilustrados foram homens de seu tempo, como explicar a permanência de se ver a cultura do outro como inferior no século XXI? Acreditamos que a pista seja entender o uso político da referida categoria, pois a cultura não é só manifestações artísticas de um povo, é antes de tudo uma construção da modernidade impregnada de ideologias do pensamento burguês que denomina arte.

Embora, cultura não seja só arte, acreditamos que a obra artística de Rosana Paulino possa recuperar a dimensão política acerca do conceito de cultura, na medida em que questiona o processo de reificação pelo qual passaram os africanos escravizados e afro-brasileiros, pois foram ratificados pela iconografia como um discurso que coisifica e cristaliza o papel de subalternização da população referida.

Segundo Alves (2010), há na sociedade correlações de forças acerca dos inúmeros bens simbólicos e materiais. Quando ocorre o monopólio da posse desses bens, temos a hegemonia no que concerne ao monopólio da posse desses bens, e em relação à dimensão cognitiva destaca ainda que a hegemonia se refere a capacidade da classe dirigente manter o monopólio da produção intelectual. Ainda de acordo com Alves, nas correlações de forças sócio-políticas pela hegemonia pode ocorrer :

a consciência crítica é obtida através de uma disputa de hegemonias contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no âmbito político, culminando, finalmente, numa elaboração superior de uma concepção do real (ALVES, 2010, p. 75).

É neste sentido que chamamos atenção para a obra de Rosana Paulino, pois ela capta o movimento real societário e expõe a tomada de consciência crítica, as inúmeras opressões interseccionais acerca das mulheres negras, sendo *Bastidores*, ao nosso juízo, uma proposta narrativa estético artística contra hegemônica e antirracista.



Segundo Chauí (2010), a ideologia não tem história, mas produz a história, ou seja, a ideologia é senão a transformação das ideias da classe dominante em ideias dominantes para o todo o tecido social, e acerca da história “tudo que sabemos (dela) está registrado pelos senhores brancos (e) não há direito à memória para o negro[...] história dos grandes homens, dos grandes feitos[...] a ideologia nunca nos diz o que são esses grandes” (CHAUÍ, 2010, p. 123). Portanto, entendemos que *Bastidores* para além de ser uma proposta contra hegemônica é também contra ideológica dado que se contrapõe a narrativa hegemônicas, ou seja, esses “grandes”.

Logo, *Bastidores* dá novo ordenamento ao tecido social, isto é, de acordo com Maar (2002), a cultura organiza a vida cotidiana, nestes termos, a referida obra artística se contrapõe à narrativa contidas nas iconografias subalternizantes, ou seja, a referida obra artística enseja a tomada de consciência e faz emergir uma subjetividade que é objetivada em *Bastidores* da população afro-brasileira, em especial das mulheres negras e pode romper com as subalternizações que insistem em inferiorizar a população negra, em especial as mulheres negras.

Talvez o leitor tenha se cansado da longa digressão, no entanto, achamos pertinente para contextualizar a obra de Rosana Paulino, assim vejamos o que a iconografia e a obra de Paulino pode nos revelar.

A iconografia referente à população negra escravizada revela um processo reflexivo, taxonômico, um sistema hierárquico balizados na ideia de raça e são pressupostos do mundo oitocentista, pois: “a process fundamentally anchored in the establishment of a system of social distinction among the world’s population based on the idea of race³” (BUSH, 2007, p. 344). Em *Almas do povo negro*, Du Bois (2021) sinalizou que o século XX seria marcado pela linha de cor e permeado por inúmeras contradições e desigualdades.

Desigualdades sociais e raciais que são a base e razão dos processos acumulativos da Europa por meio de narrativas pseudocientíficas que engendraram teorias racialistas as quais conformam categorias valorativas acerca das populações. Surge o Darwinismo social se desdobrando em teorias racialistas que previam a hierarquia entre raças com Gobineau, por exemplo, e em decorrência haveria uma deterioração moral dos negros

³ Tradução livre: um processo ancorado, fundamentalmente, no estabelecimento de um sistema de distinção social entre a população mundial baseado na ideia de raça.



(BANTON, 1979).

À esta narrativa, soma-se, com parcimônia, a iconografia oitocentista como imagens preconceituosas a fim de ratificar a inferioridade do negro por meio das artes. Tais discursos científicos à época se materializam nas artes e como livros podem cruzar fronteiras nacionais e transnacionais. Como exemplo, citamos a tela *A Redenção de Cam* que evidencia o debate central deste período: a necessidade de embranquecer a população no bojo da discussão sobre a formação da nação.

Ratificamos que a arte não propõe abertamente em prosa o pensamento racista à época, mas simulando o gradiente de tons e cores, ratifica com todos os tons a propositura de João Baptista de Lacerda (LOTIERZO, 2014). Esta iconografia pode representar no plano da arte uma narrativa que enseja um saber ancorado no discurso e conforma relações de poder assimétricas.

Essas relações se configuram como uma tecnologia de poder, assim o poder assentado num saber se revela por meio de um discurso- narrativa a fim de promover e assegurar a dominação (FOUCAULT, 1981). Portanto, a arte se insere no rol da discursividade oitocentista por meio da estética e pode contribuir ou não na legitimação de poder, sobretudo político assimétrico cujo fim é a subjugação .

A iconografia referida dos oitocentos sinaliza uma população bestializada, tratada como mera força física para todo tipo de trabalho braçal, pesado e sujo. Referente à mulher negra, são exacerbados seus traços físicos: sua corporeidade é posta em destaque ,negativamente, em relação ao padrão caucasiano, indicando um ser dado à mera extração da força física e também à lascívia (NETO, 2015), ao fim e ao cabo esta iconografia é carregada de estigmas reforçando o lugar social desta população qual seja a da subalternidade (BENACHIO, 2014).

A obra de arte como narrativa é discurso estético sobre o contexto sócio- político. Produto histórico, a produção artística tal e qual a ciência não é neutra, deste modo sinaliza Canton:

Uma obra de arte nunca é natural ou neutra. Considerá-la como tal seria mera mitificação. Ela é necessariamente carregada de história, de memórias e de contextos sociopolíticos, alinhavados dentro de suas bordas e de sua carga ético-estética.(CANTON, 2011, p. 93).

A arte pode tanto compor uma narrativa quanto ser suporte material revelador das



opressões, pois contem em si, na forma de estética as opressões interseccionais do mundo social. Por conseguinte, no que tange às mulheres, elas são vítimas de uma matriz de opressão: pois, simultaneamente, concorrem sobre o gênero feminino um conjunto de variáveis opressoras (COLLINS, 2019).

O fazer artístico é um índice da cultura, assim revela a história bem como a condição dos atores sociais no mundo (CANTON, 2011), vê-se que por meio delas se pode observar o local social da escravizada, assim a categoria política de análise *intersectionality* permite pensar a obra de arte do período escravista e até posterior como repositório discursivo da condição da mulher negra, pois nas artes as variáveis raça e gênero são funcionais, sinalizando o lugar delas na sociedade. Assim pensamos no uso do conceito de interseccionalidade como categoria política de análise, e nas palavras de Crenshaw:

I used the concept of intersectionality to denote the various ways in which race and gender interact to shape the multiple dimensions of Black women's employment experiences (CRENSHAW, 1991, p. 1244)⁴.

Portanto, destaca-se à luz da referida categoria que a obra de arte como narrativa estética do discurso político-científico à época sobre a hierarquização dos grupos humanos traz a baila sua maior contribuição: a materialização do tecido social em forma de arte de tal discurso e revela as opressões, ou seja, revela relações de poder assimétricas e a obra de Pulinho pode ser pensada como um contra ponto.

DAS AUSÊNCIAS AS EMERGÊNCIAS: OS SABE OS SABERES CONSTRUÍDOS PELA COMUNIDADE NEGRA

Destacamos o papel da artista Rosana Paulino como uma intelectual “orgânica” nos termos do pensamento gramsciano. Seguimos o que diz Aguiar (2016) a respeito da categoria de intelectual orgânico de Antônio Gramsci:

sobre o papel do intelectual como vínculo orgânico entre a reprodução da dominação econômica na superestrutura e a dificuldade em produzir uma história subalterna pelo seu caráter fragmentário e episódico, contudo, explana que na perspectiva do marxista italiano, era possível construir essa história (AGUIAR, 2016, p. 11).

Deste modo, Paulino sinaliza a construção de outra história com *Bastidores*.

⁴ Tradução livre: Eu usei o conceito de interseccionalidade a fim de denotar as várias maneiras pelas quais raça e gênero interagem de modo que moldam as múltiplas dimensões das experiências de mulheres negras no mercado de trabalho.



Ademais, segundo Gomes (2017), a pedagogia da diversidade é uma pedagogia da emancipação, assim a obra em tela no ambiente escolar pode ensejar esta emancipação ao problematizar os currículos, em especial a disciplina de artes no âmbito da lei 10639/03 dado que problematiza a aquela iconografia que destacamos anteriormente.

O currículo é uma narrativa que revela relações de poder (GOMES, 2008). Como dito já acima os africanos escravizados e afro-brasileiros sempre estiveram presentes nos manuais escolares como subalternos. A iconografia nunca destacou a luta política, antes se pautou pela representação de relações harmoniosas, redentoras como a tela de Brocos *A Redenção de Cam* ou depreciativas no termos mourianos. E como tentamos mostrar acima as categorias hegemônico e relações de poder possam ser produtoras para se pensar a inserção de obras artísticas de afro-brasileiros, em especial de Paulino, nos currículos escolares a fim de se tensionar as relações de poder existentes nos mesmos (APPLE, 2006).

Segundo Munanga (2009), a história e memória que inculcam nas crianças não é acerca do ancestral africano, mas sempre a do caucasiano. É neste contexto que a legislação sobre as relações étnico-raciais tensionam os currículos escolares na medida em que “regulamentam o conflito distributivo em novas bases” (GUIMARÃES, 2008, p. 129) , ou seja, o fato é que após a promulgação da constituição de 1988 e dos marcos legais como a Lei 10.639/03 e Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que ensejam uma nova história que está sendo distribuída(ofertada) às camadas populares sobre as relações raciais, e a obra de Paulino tem muito a contribuir dado que revela o conflito e tensão raciais da nossa sociedade bem como as opressões, sobretudo porquê ela oportuniza o diálogo, isto é, acreditamos que a obra de Rosana Paulino como referencial à educação das relações étnico-raciais pode ser o ponto de partida para se falar acerca do racismo e romper com o silêncio.

Deste modo apontamos para o potencial emancipador dos saberes produzidos pela comunidade negra (GOMES, 2017). E concordamos com a proposição acerca pedagogia da diversidade na luta contra hegemônica de saberes único e universal eurocentrados. Portanto a fim de que não haja lacunas nos currículos a respeito da temática racial, é necessário se pensar os currículos como e a partir de um “exercício epistemológico e



político de uma pedagogia das ausências e das emergências enquanto componente da pedagogia da diversidade” (GOMES, 2017, p. 137). A pedagogia da diversidade é uma proposta que pode ser “considerada como um produto da luta contra hegemônica no campo educacional [...] incorporando nesta as múltiplas dimensões formadoras e conhecimentos dos sujeitos sociais” (GOMES, 2017, p. 135), portanto, a pedagogia da diversidade tem por objetivo a emancipação na medida em que tensiona a pedagogia tradicional. Logo a pedagogia das ausências e emergências é um caminho para se pensar a diversidade nos currículos? De que modo as obras de artistas plásticos negros podem compor os currículos escolares?

Em *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*, Eliane Cavaleiro (2003) sinaliza para o silêncio como violência simbólica acerca de práticas preconceituosas no ambiente escolar. Nestes termos sinalizamos para a obra *Bastidores* dado que as mulheres negras representadas com suas bocas cerradas por costuras apontam para o não dito, o tabu nacional: o silêncio acerca do racismo, preconceito e discriminação racial.

Assim, a referida obra remete ao potencial emancipador e problematiza os currículos escolares como expresso nas DCN-ERER e serve como ponto de partida para a ação pedagógica antirracista, contra hegemônico e se insere na perspectiva da pedagogia da diversidade dado que a pedagogia tradicional produz a não existência e em decorrência a ausência.

Acreditar nos saberes emancipatórios elaborados pela comunidade negra significa levar para o ambiente escolar esses saberes, pois eles questionam e tensionam os saberes tradicionais e as relações assimétricas de poder seculares, ou seja, “a pedagogia das ausências deve ter como característica principal a problematização dos processos lacunares presentes no pensamento educacional” (GOMES, 2017, p. 137), assim sendo vejamos o potencial de *Bastidores* ao contexto educacional.

Na contemporaneidade, as memórias se constituem como fonte da produção artística. Rosana Paulino sinaliza que seu trabalho se pauta em sua condição: mulher, origem e raça, isto é seu trabalho é permeado de clivagens sociais e interseccionalidades: gênero, raça e classe que são a base material ensejada no fazer artístico. Dado que o fazer artístico é um recorte do tecido social e não está isento de influências sociais e é, sobretudo, auto-referenciado permeado de memórias.

Na série *Bastidores* de Rosana Paulino que toma como pano de fundo as opressões



de terceiros resgatadas da memória, destaca-se primeiro, a violência contra a mulher negra, pois a artista ao tecer olhos, boca e garganta com fios formando rabiscos aparentes sinaliza as agruras seculares sofridas. Paulino traz a baila a persistência de padrão de relações e interações sociais sádicas que remontam à família patriarcal, assim o conceito de interseccionalidade pode ser profícuo para se compreender fenômenos sociais que se tornam persistentes e acumulativos. Desta forma, vejamos a figura 2 da referida obra artística, na próxima página.

Figura 2. *Série Bastidores*





FONTE: *Imagem da série Bastidores. Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura. 30cm diâmetro. 1997. Rosana Paulino usa retratos(xerox) de mulheres e as transfere sobre tecido bordando em Bastidores de madeira(arco de madeira), tecendo bocas, olhos e garganta com fios aparente.*

Rosana Paulino gesta um novo saber a partir de uma outra narrativa artística bem como elos e laços do, aqui e agora, com aquelas mulheres negras seja do, Brasil imperial ou do pós-abolição, na medida em que a partir do estatuto da negritude cria vínculos de solidariedade e revela o racismo como dado persistente e na instalação *Assentamentos* Paulino apresenta corpos etnográficos revelando que as opressões são um dado persistente, assim é um novo saber rumo à construção de uma solidariedade política capaz de mobilizar cidadania plena à referida população. Os rabiscos com fios nos retratos operam como metáforas e remetem a máscara de flandres bem como as violências persistentes que assolam adultos e crianças negras no lar ou na escola.

A categoria política de inteseccionalidade permite apreender as múltiplas experiências conflitivas desse seguimento populacional. Como metonímia a série revela: as mulheres possuem ao fim e ao cabo uma cidadania restrita, pois a opressão às mulheres deve ser entendida não somente por uma variável, mas pela correlação de variáveis como raça e classe, nas palavras de Crenshaw :

I build on those observations here by exploring the various ways in which race and gender intersect in shaping structural and political aspects of violence against women of color (CRENSHAW, 1991, p. 1244)⁵.

Deste modo, em *Bastidores* de Rosana Paulino a face das mulheres com suas bocas cerradas sinalizam as agruras que as mulheres e crianças negras contemporâneas sofrem pela intersecção de explorações. Assim a identidade negra cria laços e vínculos

⁵ Tradução livre: Apoio-me nessas observações explorando as várias maneiras pelas quais raça e gênero se cruzam na formação de aspectos políticos e estruturais da violência contra as mulheres negras.



extemporâneos ,pois a solidariedade é um sentimento construído atemporal que une sujeitos resgatando e forjando uma rede atemporal de laços a fim de preservar a negritude. Assim, Rosana Paulino ressignifica os marcadores sociais da diferença ao tecer os fios nos retratos na referida série, ou seja, uma identidade marcada por relações de poder assimétricas.

Resgata a identidade e solidariedade (DOMINGUES, 2009) e revela o essencial: embora o corpo ganhe destaque dado que é o suporte físico de opressões, o essencial é destacado na obra de Paulino qual seja o racismo como foco da violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, *Bastidores* pode ser um caminho para se problematizar o currículo escolar a fim intervir na formação das novas gerações e assim formando novas mentalidades. Também revela a matriz de opressão como experiência acumulativa transnacional que as mulheres negras sofrem, assim a obra e é uma metáfora dado que estes corpos de mulheres negras carregam marcas de opressão.

Pensar se a referida obra artística possui uma função social de evidenciar e questionar as opressões interseccionais seculares que mulheres sofrem por meio da narrativa artístico estética e deste modo verificar se pode ser entendida como uma narrativa contra hegemônica.

Neste ensaio, buscou-se sinalizar que a obra *Bastidores* com bocas de mulheres cerradas com linhas de costura expressam inúmeras opressões que extrapolam fronteiras do Estado nação, na medida em que em ambos os lados do Atlântico a opressão é a regra. Em suma , destacamos o caráter heurístico da referida obra artística na medida que expressa de modo artístico o terror racial (GILROY, 2001), isto é, entendemos que ela representa um mecanismo e ponto de partida de e para a luta antirracista.

Assim, Paulino revela a historicidade do racismo por meio dos corpos, neste caso os retratos da referida série destacam que a obra e/ou objeto de arte pode ensejar um novo saber fruto de trabalho da comunidade negra.

Nestes termos, racismo, estigmas e estereótipos são lugares questionados, pois a referida obra revela toda esse engodo de modo crítico, logo há uma questão de escolha a qual Paulino opta por uma arte engajada, em outras palavras entendemos que ela é uma



intelectual orgânica.

Destacamos que a matriz de opressão deve ser entendida a partir conceito de interseccionalidade. Categoria política de análise reveladora de um corpo específico e/ou predileção à exploração: mulher negra que ao longo do tempo e espaço sendo o corpo o suporte de acúmulo de desigualdades e violências, mas o essencial é que esta categoria revela a violência e racismo como um dado institucionalizado.

Assim, destacamos que a categoria referida deve ser usada, com parcimônia, para se compreender para além das vicissitudes e vilipêndios empreendidos contra esse grupo social de modo a expandir a análise. E propomos um estudo mais acurado entre arte, sociedade, política e educação.

Assim, tentamos sinalizar que esses mecanismos sociais de opressão que a referida categoria pode desvelar para além de sua materialidade corporificada nas vítimas, podem ser observadas nas artes, secularmente, e se constituem no bojo de um contexto de teorias racialistas que visam cristalizar no imaginário societal por meio de cores e tons o lugar dessas mulheres e são por conseguinte narrativas hegemônicas.

A arte de Paulino é protagonista e enseja um discurso e ato político ligando sujeitos extemporâneos transnacionais, pois ao fazê-la traz ao debate a sua condição de mulher negra e de outras. Paulino recorre à memória e ancestralidade para abordar temas tão caros, subvertendo a lógica narrativa da iconografia racialistas. Denuncia as clivagens e conflitos sociais que perduram no tempo e espaço bem como questiona a relação política de poder patriarcal persistente e assimétrica.

Por fim, tentamos ligar os fios e tecer reflexões sobre a obra artística de Rosana Paulino entendida como narrativa artístico estética e que pode ser qualificada como uma narrativa contra hegemônica, e deste modo evidenciar relações de poder assimétricas persistentes em nossa sociedade. Mais que isso, tentamos indicar o potencial questionador e emancipatório da obra ao contexto escolar. Portanto, acreditamos que possa ser utilizada como um referencial de saber produzido na e pela comunidade negra no âmbito das relações étnico-raciais e em decorrência ser um subsídio e não ponto de chegada, mas de partida para se questionar a subalternidade e opressões seculares bem como trabalhar a temática racial nos currículos das escolas brasileiras no âmbito da lei 10.639/03, pois desloca e questiona o saber/conhecimento hegemônico fazendo emergir uma nova epistemologia compartilhada por todos os grupos sociais (COLLINS, 2019).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Jórisa Danilla N. Grupos Sociais Subalternos e a Disputa pela Hegemonia: Apontamentos Gramscianos. Jornada Internacional de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci. In: Jornada Regional de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci Práxis, Formação Humana e a Luta por uma Nova Hegemonia Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação 23 a 25 de novembro de 2016 – Fortaleza/CE.

ALCARAZ, Rita de Cássia Moser; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; SANTOS, Nilsa Maria Conceição; VELOSO, Roberta Regina Chaves. Educação das Relações Étnico-Raciais nas Instituições Escolares . In: Educação Étnico-Raciais: o estado da arte. Silva ,Paulo Vinicius Baptista da.Régis ,Kátia. Miranda ,Shirley Aparecida de . (org). 2018.

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe . *Lua Nova*, São Paulo, 80: 71-96, 2010.

APPLE, M. W. Ideologia e Currículo. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BANTON, Michel. A Ideia de Raça. Edições 70.1979.

BENACHIO, Ana Laura; BECK, Diego Eridson; COSTA, Rafael Machado; VARGAS, Rosane. Considerações sobre a representação do negro na arte do Brasil, 1850- 1950. Rio de Janeiro, v. IX, n. 1, jan./jun. 2014.

BOAS, Franz. Limitações do Método Comparativo em Antropologia Social . In: Antropologia Cultural. Rio de Janeiro. Zahar. 2004.

CANTON, Katia. Arte para quê? As Narrativas Enviesadas do Contemporâneo. In: ARANHA, Camen Sylvia Guimarães; CANTON, Katia. Espaços da Mediação. São Paulo: PGEHA/MAC-USP, 2011.

CHAUÍ, Marilena. O que è Ideologia. São Paulo. Brasiliense. 2008.

CELLARD, André. A análise documental. In: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos. Petrópolis. Vozes. 2008.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro. São Paulo. Boitempo. 2019.

Crenshaw, Kimberle. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. In: Kimberle Crenshaw .*Stanford Law Review*.Vol. 43, No. 6 (Jul., 1991), pp. 1241-1299

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. *África*, n. 24-26, p. 193-210, 9 dez. 2009.

DU BOIS,W.E.B. As almas do povo negro. São Paulo. Veneta, 2021.

FOUCAULT, M. .Verdade e Poder. In: Microfísica do poder. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.

GOMES, Nilma Lino.O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petropolis, Rio de Janeiro. Vozes. 2017.

_____. Diversidade e Currículo. In: Indagações sobre currículo. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. (Org) Flavia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro. Zahar. 2020.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceito racial: modos ,temas e tempos. São Paulo. Cortez. 2008.

HASENBALG, Carlos Alfredo. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1979.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro. Zahar. 2008.

LOTIERZO, Tatiana. Racismo e pintura no Brasil: notas para uma discussão sobre cor, a partir da tela A redenção de Cam. Rio de Janeiro, v. IX, n. 2, jul./dez. 2014.

NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos. (org) Alex Ratts. Rio de Janeiro. Zahar. 2021.

NETO, Marcolino Gomes de Oliveira. Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* [online]. 2015, n.16, pp. 65- 85.

MAAR, Wolfgang Leo. O que é Política. São Paulo. Brasiliense.2002.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. Belo Horizonte. Autêntica. 2009.

BUSH, Rod. Acting for a Good Society: Racism and Black Liberation in the Longue Durée'. In: Vera, Hernán; Feagin, Joe R. (eds.) *Handbook of the sociology of racial and ethnic relations*.Springer. 2007.

SILVA, Salomão Jovino da. As culturas musicais dos retornados, ou brasileiros da Costa atlântica africana. In: Cultura afro-brasileira: temas fundamentais em ensino,pesquisa e extensão. São Paulo. Alameda. 2017.

Recebido em: 21.04.2024

Aprovado em: 21.05.2024